

# **OLHAR SENSÍVEL PARA AVALIAÇÃO DA/PARA APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES/AS DA REDE MUNICIPAL DE SALVADOR/BA**

Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação para Aprendizagem  
Faculdade de Educação (FACED) | Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Rejane de Oliveira Alves - FACED/UFBA  
Edna Telma Fonseca e Silva Vilar - FACED/UFBA  
Pietro Matheus Bompert Fontoura Alves - PPGE/FACED/UFBA  
Dandara Santos Souza Daltro - FACED/UFBA  
Aleide Macedo da Cruz Santos - FACED/UFBA  
Elisama de Jesus Gonzaga Santos - PPGE/FACED/UFBA  
Jane Mara Ferreira - FACED/UFBA  
Erinaldo Suzart Ferreira - FACED/UFBA  
Andréia Bárbara Serpa Dantas - IFBAHIANO e SEC/BA  
Fernanda Pereira Brito - SEC/BA

**Resumo:** Este artigo apresenta informações da pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação para Aprendizagem da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia em diálogo com uma escola da rede pública de Educação de Salvador/BA, tendo como objeto a Avaliação da/para Aprendizagem no contexto da formação de professores/as que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo geral da investigação foi compreender quais concepções de Avaliação são apresentadas pelos/as professores/as. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa, de abordagem colaborativa, com encontros formativos realizados na escola de modo a contemplar estudos, discussões, análises e proposições de critérios, instrumentos/procedimentos avaliativos pelos sujeitos-participantes em diálogo com o Grupo de Pesquisa. Como instrumentos de pesquisa, utilizamos questionário, entrevista, produção escrita em cadernos de acompanhamento das atividades desenvolvidas e gravação de áudio com sua literal transcrição para utilização como material de análise. A partir das informações construídas coletiva e colaborativamente, organizamos as categorias analíticas, com base nas ideias consoantes e dissonantes em torno do ato de avaliar ou examinar. A atividade de investigação foi desenvolvida durante um ano letivo e contou com a participação de doze professores/as da escola e os/as integrantes do Grupo de Pesquisa. Os resultados da pesquisa apontaram que houve ampliação da compreensão do conceito de avaliar pelos/as educadores/as da escola que começaram a problematizar as atividades avaliativas que antes tinham enfoque no exame. Nos diálogos os/as professores/as ponderaram que os objetivos de aprendizagem não tinham coerência com os critérios de Avaliação, mas que a formação auxiliou-lhes para que melhorassem suas práticas avaliativas.

**Palavras-Chave:** Avaliação para Aprendizagem; Formação de Professores/as; Educação Básica.

## CONTEXTUALIZANDO A AVALIAÇÃO

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação para Aprendizagem, da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), vem desenvolvendo ações de Pesquisa e Extensão na área de Avaliação, em especial a Avaliação da/para Aprendizagem. Tais ações são possíveis a partir de encontros dialogados com educadores/as que atuam na Educação Básica, de forma coletiva e colaborativa com estudantes das licenciaturas e da Pós-graduação.

Neste trabalho, apresentamos as produções do projeto de pesquisa intitulado **Práticas Avaliativas no Cotidiano Escolar** que corresponde à parceria entre o referido grupo e uma Escola Municipal, localizada no município de Salvador/BA. O objetivo da investigação foi aprofundar a discussão acerca da Avaliação e (re)construir práticas avaliativas. Essa demanda foi apresentada pelos/as professores/as da escola que buscam (re)construir e ressignificar os instrumentos/procedimentos avaliativos, definindo melhor os critérios de Avaliação para que contribuam para a consecução dos objetivos de aprendizagem propostos em ano escolar.

O objetivo geral da investigação foi compreender quais concepções de Avaliação são apresentadas pelos/as professores/as da escola municipal. Sendo definido o seguinte problema de pesquisa: **“Quais concepções de Avaliação são apresentadas pelos/as professores/as?”**

Devido à complexidade do tema, optou-se pelo método dialético, ancorado na Metodologia da Pesquisa qualitativa do tipo colaborativa para o desenvolvimento deste trabalho coletivo e colaborativo. Segundo Oliveira (2010, p. 37) este tipo de pesquisa envolve “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”, de modo a desenvolver um trabalho dialógico.

As técnicas para estudo e planejamento das ações e a produção teórica da área de Avaliação foram utilizadas a partir dos registros escritos nos cadernos de acompanhamento das atividades desenvolvidas por todos os sujeitos envolvidos na pesquisa (professores/as da Educação Básica, estudantes de graduação e Pós-graduação e professores/as da Graduação), os quais passaremos a denominar sujeitos-pesquisantes.

Ao todo, doze pessoas da escola aceitaram fazer parte da pesquisa, sendo dez professores/as graduados/as em licenciaturas como Pedagogia, Arte e Educação Física, servidores públicos efetivos em regime de trabalho de 40 horas e com mais de sete anos

de docência nos anos iniciais. Contudo, trouxemos recortes das escritas de nove professores/as, que por questões éticas aparecem no texto com nomes fictícios.

No movimento pesquisante, realizamos encontros ou sessões de formação, constituindo-se em espaços-tempos formativos, que aconteceram quinzenalmente, no primeiro mês, de forma presencial no espaço escolar. Entre as atividades desenvolvidas no âmbito deste Projeto, realizamos leitura e discussão de textos sobre Avaliação, análise de atividades avaliativas, (re)elaboração de atividades considerando os critérios de Avaliação e um Seminário sobre Avaliação que consistiu na culminância do Projeto de Pesquisa com ampla participação da comunidade para socialização das ações desenvolvidas pelos Grupos de Trabalhos.

No início do ano de 2020, em Fevereiro, realizamos encontros formativos na própria escola, presencialmente, antes de todas as mudanças necessárias para o ambiente virtual, em função do contexto da pandemia do SARS-COV-2 (COVID-19) que se instalou no país a partir de 17 de Março de 2020.

Planejamos e desenvolvemos as ações deste Projeto dentro da instituição parceira para vivenciar esse espaço-tempo com os pés no chão da escola, favorecendo a ampliação das aprendizagens dos sujeitos-pesquisantes. Para isso, aproveitamos os dias/turnos disponíveis de cada sujeito-participante no horário de reserva (momento reservado para Planejamentos Didático-Pedagógicos), mas que logo foi alterado para encontros aos sábado de manhã, a pedido do grupo de professores/as.

A necessidade de priorizar a escola como local de formação, valorizando as atividades e práticas avaliativas desenvolvidas no chão da escola como objeto de investigação, tinha como foco a ampliação das aprendizagens dos envolvidos na pesquisa. Assim, os processos formativos tornaram-se potencializadores do diálogo entre os sujeitos-pesquisantes, especialmente com os/as professores/as que atuam em todos os anos do Ensino Fundamental I que trabalham na respectiva unidade escolar.

A partir do olhar e escuta sensível para as demandas dos/as educadores/as da escola, traçamos estratégias didático-pedagógicas a fim de trabalharmos a Avaliação, partindo sempre dos princípios, quais sejam: alteridade, igualdade, equidade e ética. Cabe a ênfase que, enquanto educadores/as e pesquisadores/as, defendemos a concepção da Avaliação como processo contínuo de acompanhamento das aprendizagens dos sujeitos, respeitando as singularidades provenientes dos múltiplos tempos, modos e linguagens a serem trabalhadas.

Como todo Projeto de Pesquisa, seguimos o seguinte procedimento protocolar e metodológico, em etapas: 1) firmamento de compromisso com a escola e planejamento coletivo das ações do Projeto; 2) aprovação da Pesquisa nos órgãos/setores da UFBA; 3) registro e anuência na Gerência de Currículo da Secretaria Municipal de Educação de Salvador/BA; 4) assinatura de Termos de Compromisso Livre e Esclarecido com as Professoras da escola com a descrição do projeto e compromisso com sigilo da identidade da Escola e das Professoras envolvidas; 5) realização dos encontros formativos com registros escritos; 6) análises das informações produzidas; 7) realização de um Seminário de Avaliação; 8) publicização dos resultados da pesquisa.

Neste presente trabalho descrevemos e analisamos os registros escritos que nos permitem compreender quais as concepções de Avaliação conduzem a forma de pensar e agir dos/as professores/as da escola-parceira e quais aprendizagens emanam dessa relação de trocas entre Escola e Universidade.

## **2. CONCEPÇÕES DA AVALIAÇÃO: OLHARES SENSÍVEIS**

A discussão sobre Avaliação perpassa dois caminhos contraditórios que envolve duas ações concorrentes: avaliar e examinar. Enquanto o ato de avaliar tem relação com as práticas de investigar, incluir e mediar a partir de ações democráticas de acompanhamento do processo de construção de aprendizagens. A concepção do examinar sugere averiguar, classificar, comparar, julgar, mensurar, nivelar, quantificar, ranquear, seleccionar, testar, verificar, medir a partir de atividades pontuais que se preocupam apenas com os resultados obtidos.

Defendemos o conceito de Avaliação como ato de acompanhamento da construção de aprendizagens, portanto, ato político-pedagógico que envolve tomada de decisões para melhoria do processo de ensinar e de aprender. Quando se trata de contextos escolares, o processo avaliativo envolve também a aprendizagem do/a educando/a e do/a educador/a. Em contraposição, o ato de examinar está sempre voltado para o desenvolvimento de atividades que geram notas, menções, resultados que podem ser definitivos, culminando na aprovação ou reprovação. Isso significa que o exame se pauta na classificação, em práticas excludentes que não favorecem o desenvolvimento e a ampliação das múltiplas aprendizagens.

Temos estudado essas possibilidades com foco no conceito de avaliar, enquanto processo, em detrimento do examinar. Sabendo que “não há um momento à parte para avaliar, como muitos pensam “primeiro eu ensino e depois eu avalio”, tampouco realizar

as conhecidas “semanas de avaliações” (ALVES; VILAR; BOMPET, 2020, p. 743). A Avaliação, sendo processo, não tem dia e hora marcada para acontecer e não pode estar desvinculada do processo de ensino, pois ao passo que ensinamos já devemos acompanhar se as aprendizagens estão sendo construídas, portanto, avaliamos.

Entretanto, não tem sido tarefa fácil pensar/fazer as práticas ancoradas no ato de avaliar, já que nas instituições educacionais ainda predomina uma forte prática de exame, por este motivo, nos é caro o aprofundamento dos conceitos, uma vez que são os condutores das nossas práticas e precisam estar à serviço das aprendizagens, não de resultados pontuais.

As práticas examinadoras são equivocadamente apresentadas como avaliações. Não podem ser caracterizadas como tal porque a Avaliação decorre de um processo, enquanto que os exames são pontuais. E nesse sentido, Luckesi (2002, p. 84) chama a atenção para o equívoco em denominar de ‘Avaliação’, quando o que se faz é praticar “exames”. Assim, discutir sobre esse equívoco que envolve a denominação citada pelo autor permeia também compreender as concepções com suas possíveis implicações nas práticas avaliativas. Isso é necessário para não naturalizarmos as práticas excludentes em nossas salas de aula.

Em torno da Avaliação há dois conceitos concorrentes: avaliar e examinar. Compreender isso implica em decidir os objetivos de aprendizagem e conduzir o processo de ensinoaprendizagem de educandos/as e de educadores/as com vistas a melhorar suas práticas. Isso significa que a avaliação deve estar a serviço das aprendizagens de todos os sujeitos envolvidos no processo de aprenderensinar. (ALVES, 2020, p. 08)

Reitera-se que os conceitos avaliar e examinar são diferentes porque remetem a uma finalidade distinta. Quando estamos a avaliar, a finalidade e o compromisso é com a aprendizagem. Quando a concepção é de examinar, estamos buscando averiguar, comprovar algo. Enquanto avaliamos, buscamos indícios, traços, sinais de aprendizagens. Quando examinamos, estamos em busca de “certezas”, evidências, comprovações de aprendizagens, como se isso fosse possível.

É neste sentido que defendemos o conceito de Avaliação como ato pedagógico e político que, a todo instante envolve tomada de decisões, com vistas à melhoria do processo de ensinar e de aprender. Neste sentido, em contextos escolares, o processo avaliativo também envolve a aprendizagem do/a educando/a e do/a educador/a. Em contraposição, o ato de examinar está sempre voltado para o desenvolvimento de

atividades que geram notas, menções, resultados que podem ser definitivos, culminando na aprovação ou reprovação, portanto, se pauta na classificação, em práticas excludentes que não favorecem a ampliação das múltiplas aprendizagens.

Entendemos que o ato de avaliar implica no acompanhamento sistemático das aprendizagens, prevalecendo o respeito ao sujeito aprendiz, à guisa de conduzir a organizações das vivências com os sujeitos, em contraposição ao ato de examinar, esse associado a mensuração, constatação, verificação, averiguação e classificação.

Consideramos, portanto a existência de duas grandes concepções que se contrastam e disputam territórios nas práticas avaliativas - avaliar e examinar - e que estão nas bases de representações e entendimentos que perduram ou se encaminham para mudanças; optamos por problematizá-las a partir do que registraram os/as professores/as em momentos de/para formação.

Deste modo, partimos das curiosidades, dúvidas e inquietações acerca de como devemos realizar a prática concreta da Avaliação. Essa é (foi) uma boa estratégia para alimentarmos um diálogo profícuo com a escola e seus profissionais, buscando compreender o contexto e suas (im)possibilidades de transformação e melhoria da *aprendizagem* *sino* (ESTEBAN, 2003), portanto, do processo avaliativo.

A partir do diálogo com os/as professores/as em momentos de/para formação, registramos algumas compreensões iniciais acerca da concepção de Avaliação que, neste trabalho, consideramos como corpus para análise. São registros de alguns professores/as ao se pronunciarem acerca do que compreendem por “Avaliação” - proposta feita com função diagnóstica, formativa e investigativa -, visando responder a seguinte questão: **Quais concepções de Avaliação são apresentadas pelos/as professores/as?**

Nessa direção, foram feitas outras indagações, a saber: quais aspectos da Avaliação ou do exame foram mencionados? Há indícios de que há tensionamentos acerca dessa concepções? A partir de tais inquietações, buscamos analisar qual o conceito de Avaliação prevalece nesse contexto de investigação e discussão.

Os registros escritos nos cadernos de acompanhamento das atividades desenvolvidas foram transcritos e, em seguida, categorizados, a partir da análise de conteúdo, com base em Bardin (2011), utilizando categorias temáticas. Informamos que todos tais registros foram feitos em Março de 2020, quando, ainda no contexto presencial na escola, realizamos atividades diagnósticas para compreender as ideias de Avaliação apresentadas pelos/as profissionais da Instituição Parceira. Naquela ocasião, também

foram feitos desenhos para representar a ideia de Avaliação que decidimos não trazer neste texto porque demandaria uma análise ainda mais extensa.

A partir dos registros escritos, realizamos a interpretação e análise das respostas, agrupamos as ideias apresentadas pelos/as professores/as acerca do que compreendiam como Avaliação, em três categorias, a saber: 1) Avaliação como ato de acompanhamento; 2) Avaliação como possibilidade de melhoria da prática; 3) Avaliação como prática de verificação. Assim, passamos a analisar.

### **Categoria 1 - Avaliação como Ato de Acompanhamento**

Avaliar é acompanhamento, acolhimento, mediação; a avaliação envolve a relação eu-outro-mundo; avalia-se para aprender, avalia-se para melhorar. (LIA)

Avaliar é movimento; observação; acompanhamento; avalia para aprendizagem/para a possibilidade de aprender sempre; construção de conhecimento; posicionamento político-pedagógico em favor da aprendizagem; processo que agrega *aprenderensinar*. (MALU)

Avaliação me lembra acolhimento do sujeito e de seus saberes, compreensão em como contribuir para que este sujeito avance e em como ela, enquanto docente, avança com ele (o sujeito). Me faz refletir como eu era avaliada e como estou avaliando (CLARA).

A concepção da Avaliação como acompanhamento constitui um contraponto radical a uma concepção episódica e pontual denominada exame. Tal entendimento presente nos registros das professoras Lia, Malu e Clara, dialoga com a visão de Villas Boas (2004; 2007) ao destacar que a Avaliação está diretamente ligada à aprendizagem, por isso, devemos realizar o acompanhamento sistemático, no processo contínuo e colaborativo de assistência à aprendizagem.

Nessa direção, destacamos expressões que foram registradas como possibilidade de definir Avaliação, seja como “processo que agrega aprenderensinar” (Malu); além de demarcar o propósito da Avaliação: “avalia-se para aprender, avalia-se para melhorar” (LIA); ou como projeção futura na afirmação que credita ao sujeito “a possibilidade de aprender sempre” (Malu). E em todos os casos podemos considerar que se refere a estudantes e professores/as.

Além disso, pensar a Avaliação como “acolhimento do sujeito e de seus saberes” (Clara) implica uma forma sensível de pensar o processo avaliativo como prática inclusiva que se afasta de atos de seleção, julgamentos e exclusão. Essa visão de Avaliação coaduna com a defesa de Luckesi (2011, p. 205) quando diz que “o

acolhimento integra, o julgamento afasta” (p. 205), ao insistir que para avaliar é necessário estar disposto a acolher.

Mas o olhar sensível também foi direcionado à própria prática pedagógica, portanto, para o processo de aprender e ensinar que envolve olhar para si, olhar para os procedimentos metodológicos, as formas, os tipos de práticas avaliativas que têm sido desenvolvidas, buscando não apenas fazer uma autocrítica, mas refletir sobre como melhorar. Esse foi o foco observado na segunda categoria que passamos a analisar.

### **Categoria 2 - Avaliação como possibilidade de melhoria da prática**

Avaliação é diagnóstico; aprendizagem; autoavaliação de sua prática; e ensino. (LARA).

Avaliação é um processo contínuo da mudança para melhor, é investigar o que tem sido feito para melhor pensar o que temos que fazer no futuro. (SÉRGIO).

Avaliação é se autoconhecer diante das frustrações cotidianas e tirando disso uma forma de melhorar. Avaliar é entender que o seu saber nunca é igual ao outro, mas se agrega com ambos. (FLOR DE LIZ).

Observar, melhorar o que é necessário na prática, respeitar a individualidade. (KAYLA).

A Avaliação como possibilidade de melhoria da prática pode ser considerada uma compreensão potente, tendo em vista que o professor/a se inclui no processo, de modo que o procedimento de autoavaliação também é mencionado como contributo que pode favorecer mudanças a práxis docente dos processos de avaliar e ensinar/aprender (ESTEBAN, 2003), conforme depreende-se do registro de Lara e Flor de Liz.

No registro de Sérgio essa possibilidade expressa no entendimento da Avaliação como processo pode contribuir “para melhor pensar o que temos que fazer no futuro”. Nesse sentido, aproxima-se do entendimento de Fernandes e Freitas (2007, p. 19), uma vez que para os autores “A avaliação é uma atividade orientada para o futuro. Avalia-se para tentar manter ou melhorar nossa atuação futura”. E isso não significa desprezar o que foi construído no passado, mas alerta para não se “prender” aos resultados porque precisamos continuar investindo na construção e ampliação das aprendizagens.

A autoavaliação das próprias práticas envolve reflexões e questionamentos acerca da própria prática. Por isso, indagar a forma como estamos avaliando para saber se temos contribuído com as aprendizagens significa também essa busca de melhorias.

A questão que o professor não pode perder de vista é: por que avalio? Que objetivos procuro com os exercícios de avaliação, com essas perguntas, com esses problemas, com essas tarefas, o que proponho a esses alunos? Ao serviço de quem é a avaliação que estou fazendo? Que uso eu quero fazer da avaliação? (ÁLVAREZ MÉNDEZ, 2012, p. 15).

Essas questões também servem para que possamos trazer para o centro que as pessoas possuem tempos e formas diferentes de aprender. Assim, quando buscamos responder as indagações do Álvarez Méndez (2012), devemos não perder de vista que é preciso “respeitar a individualidade” (Kayla) dos sujeitos e “entender que o seu saber nunca é igual ao outro” (Flor de Liz), por isso é tão importante os princípios da Avaliação, em especial, da alteridade, que se refere ao respeito ao que é diferente.

Segundo Esteban (2003, p. 34), “a professora, ao avaliar, é avaliada, coloca-se em contato com o movimento de permanente produção de conhecimento [...]”. Assim, não apenas avalia-se o que produz o/a estudante, mas também é necessário olhar para si enquanto educador/a-avaliador/a para observar e alterar sua prática avaliativa sempre que se aproximar de práticas examinatória (ALVES; VILAR; BOMPET, 2020).

O olhar sensível para o desenvolvimento da Avaliação como ato de avaliar, de acolher, de acompanhar, de encorajar é preponderante nos registros dos/as professores/as, mas não é unanimidade. Das nove pessoas que registraram por escrito sobre concepções de Avaliação, duas delas apresentaram um entendimento vinculado à prática do exame, conforme analisamos na terceira categoria.

### **Categoria 3 - Avaliação como prática de verificação**

Avaliação me lembra prova, nota e passar de ano. AVALIAÇÃO = A melhoria Vale A pena, Logo Insista em Aprender a Contínua aprendizagem da Avaliação, Ok?”. (ZULU).

Compreender um conteúdo, Aprender. (COELHO).

A Avaliação ainda tem sido confundida com realização de atividades como provas que tem a função de verificação, testagem, medida de conhecimento. Mas essa não é a finalidade da Avaliação. Segundo Villas Boas (2007, p. 15), “não se avalia para atribuir nota, conceito ou menção. Avalia-se para promover a aprendizagem do aluno”. Assim, não são as notas, conceitos e menções que comprovam e justificam as aprendizagens, mas os caminhos percorridos que sugerem os indícios, os rastros de possíveis construções de saberes.

O professor Zulu enfatiza que Avaliação “lembra prova, nota e passar de ano”, mas por outro lado, constrói um acróstico, ou seja, faz uma poesia utilizando as primeiras letras da palavra A-V-A-L-I-A-Ç-Ã-O para provocar o grupo no sentido que devemos estudar Avaliação para aprender, para melhorar. Assim, entendemos que embora alguns registros estejam vinculados aos processos examinadores, o professor se mostra aberto para estudar e aprender mais sobre: como e porque avaliar.

Quando analisamos o registro de Coelho que se refere à Avaliação como forma de “compreender um conteúdo”, ressaltamos que a Avaliação não pode estar vinculada apenas à aprendizagem de conteúdo para não continuar a fazer as intermináveis listas de exercícios de memorização e repetição de regras, fórmulas, definições. Isso se associa à concepção de exame como medida para saber quanto de conhecimento foi apreendido. Por isso Esteban (2010, p. 01) alerta que a “medida descontextualiza os resultados, permite a comparação e a ordenação dos sujeitos em uma hierarquia e propõe uma tradução quantitativa da aprendizagem”.

Ao contrário dessas práticas excludentes, fomos conduzindo a formação com estudos de casos reais com práticas avaliativas desenvolvidas no âmbito do examinar e os/as professores/as foram se dando conta de que “nestes processos examinatórios ganham destaque as notas e os resultados, as classificações e os ranqueamentos, o quantitativo das aprovações e reprovações” (ALVES; VILAR; BOMPET, 2020, p. 747).

A partir dessas análises de casos que acontecem em sala de aula, e realizando um exercício de se colocar no lugar do outro, os/as professores/as realizaram ponderações que tais práticas poderiam ter sido diferentes e exemplificaram algumas possibilidades como: explicitação dos critérios de Avaliação, que nem sempre são comunicados, isto é, nem sempre sabemos o que estará sendo avaliado; diversificação dos instrumentos/procedimentos de Avaliação para favorecer que o/a educando/a demonstre, de outros modos, como aprendeu; dar devolutivas com comentários ou reflexões que auxiliem na compreensão de como foi avaliada sua produção.

A experiência dos espaços-tempos formativos na escola representou um olhar para o conceito e o entendimento de que nossas práticas em sala de aula são reflexo das concepções que temos sobre o que é Avaliação. Se a entendermos a partir do ato de avaliar, não haverá lugar para julgamento, comparação, classificação dos sujeitos que sabem e dos que não sabem. Isto porque o ato de avaliar “busca indícios de aprendizagens construídas e ainda a construir; realiza-se mediação com orientações e retomadas;

problematiza, investiga, investindo na melhoria do processo de aprenderensinar” (ALVES, 2020, p. 11).

Avaliar envolve projetar, examinar se refere ao que foi feito no passado. Avaliar acolhe. Examinar repele. Avaliar serve para encorajar, enquanto examinar desencoraja dos sujeitos. Essas características são presentes nas práticas que desenvolvemos em sala de aula e são capazes de marcar para sempre os destinos dos sujeitos envolvidos, seja porque sentiu que seus conhecimentos foram valorizados porque se percebeu a potencialidade do aprender; seja porque foram consideradas incapazes e seus conhecimentos foram deslegitimados.

### **CONSIDERAÇÕES CONTEXTUAIS NEM SEMPRE FINAIS**

Discutir as concepções de avaliar e de examinar com os/as educadores/as e analisá-las em contexto formativo-investigativo pode proporcionar o movimento de pensar representações, rever entendimentos e também compreender que as concepções teóricas funcionam como lastro que fundamentam as nossas práticas.

Nessa perspectiva, a discussão que se pretendeu tanto na atividade formativa quanto na análise dos registros feitos pelos/as professores/as como expressão de entendimentos acerca da Avaliação, procuramos realizar uma escuta sensível dos sujeitos acerca dos tensionamentos que atravessam as práticas avaliativas na escola. Assim, compreendemos que os obstáculos de tempo, espaço e regulação externa que se impõe à escola, por vezes, são "impeditivos" da adoção de uma prática avaliativa mais inclusiva.

Nos processos formativos, após análise dos escritos, falas e exemplificações dialogadas, percebemos que há mais aspectos do ato de avaliar do que de examinar. Também observamos que há indícios de tensões acerca dessas concepções, especialmente porque o que é “cobrado” da escola são os resultados. Contudo, apesar da pressão que há sobre os índices de desempenho, os sujeitos-pesquisantes se mostraram abertos, curiosos e engajados na formação para aprender e mudar suas práticas a fim de desenvolver uma Avaliação da/para Aprendizagem.

Os resultados da pesquisa apontaram que houve ampliação da compreensão do conceito de avaliar pelos/as educadores/as da escola que começaram a problematizar as atividades avaliativas que antes tinham enfoque no exame. Nos diálogos os/as professores/as ponderaram que os objetivos de aprendizagem não tinham coerência com

os critérios de Avaliação, mas que a formação auxiliou-lhes para que melhorassem suas práticas avaliativas.

## REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ MÉNDEZ, Juan Manuel. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ALVES, Rejane. **Avaliação de aprendizagem**. Superintendência de Educação a Distância, Salvador: UFBA, 2020. (Trilhas formativas para a educação on-line). Disponível em: <https://ufbaemovimento.ufba.br/avaliacao-aprendizagem>. Acesso em: 25 fev. 2021.

ALVES, Rejane; VILAR, Edna; BOMPET, Pietro. Avaliação nas histórias em quadrinhos: provocações de Armadinho e Mafalda. **Revista Intersaberes** - ISSN 1809-7286, v. 15, n. 36, p. 737-763, 10 nov. 2020. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1948>. Acesso em: 12 abr. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 2011.

ESTEBAN, Maria Teresa. Ser professora: avaliar e ser avaliada. In: ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). **Escola, currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 13-36.

ESTEBAN, Maria Teresa. Avaliação da Aprendizagem. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO. Trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/56.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2021.

FREITAS, Luiz Carlos de; FERNANDES, Cláudia de Oliveira. **Currículo e Avaliação**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2007. (Série Indagações sobre currículo).

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, Avaliação e Trabalho Pedagógico**. - Campinas, SP: Papirus, 2004. - (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Avaliação na escola**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.